

Contemplação e ação: análise dos conceitos de oração e de Igreja no livro “Crer ou não crer”

Contemplation and action: analysis of the concepts of prayer and Church in the book “Crer ou não crer”

*Luís Henrique Piovezan

Resumo

A partir da Análise do Discurso aplicada ao livro “Crer ou não crer” de Fábio de Melo e Leandro Karnal, este artigo aprofunda o tema “oração” tratado na Parte 6. Essa seleção é orientada não pelos títulos dos capítulos, mas por uma análise quantitativa dos termos que ocorrem com maior frequência em cada capítulo. Como o livro é uma transcrição da conversa entre os dois autores, eles não aprofundam o assunto. Este artigo mostra que o tema “oração” indica a divergência profunda da forma de pensar Igreja Católica para Fábio de Melo e para Leandro Karnal. A visão de Leandro Karnal se aproxima do tradicional, enquanto Fábio de Melo se aproxima da visão do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação. Leandro Karnal apresenta uma Igreja institucionalizada e volta para a contemplação contra uma Igreja servidora e de ação, de Fábio de Melo. Como essa visão de Fábio de Melo ainda não é geral, o artigo aponta a necessidade de revitalizar a Teologia da Libertação.

Palavras-chave: Fábio de Melo; Leandro Karnal; Oração; Igreja; Teologia da Libertação.

Abstract

Based on the Discourse Analysis applied to the book “Crer ou não crer” by Fábio de Melo and Leandro Karnal, this article deepens the theme “prayer” dealt with in Part 6. This selection is guided not by chapter titles, but by a quantitative analysis of the terms that occur most frequently in each chapter. As the book is a transcript of the conversation between the two authors, they do not delve into the subject. This article shows that the theme “prayer” indicates the profound divergence of the Catholic Church’s way of thinking for Fábio de Melo and Leandro Karnal. Leandro Karnal’s vision is close to traditional, while Fábio de Melo approaches the vision of the Second Vatican Council and Liberation Theology. Leandro Karnal presents an institutionalized Church focused on contemplation against a servant and action Church, by Fábio de Melo. As this vision of Fábio de Melo is not yet general, the article points to the need to revitalize Liberation Theology.

Keywords: Fábio de Melo; Leandro Karnal; Prayer; Church; Liberation Theology.

* CET - São Paulo, Centro Universitário Claretiano, Petróbras (Brazil), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial São Paulo, Universidade Anhanguera de São Paulo, Universidade Guarulhos, Universidade Nove de Julho, Universidade de São Paulo Escola Politécnica, Universidade de São Paulo Escola de Engenharia de São Carlos. Contato: luispiovezan@petrobras.com.br

Texto enviado em
26.04.2025

Texto aprovado em
26.09.2025

Introdução

“Eu sacudi essa sonolência quando ensinei: ninguém sabe ainda o que é bem e mal... a não ser o criador. Mas o criador é aquele que cria um fim para os homens e que fixa à terra seu sentido e seu futuro. Dele somente depende que uma coisa seja boa ou má”. (NIETZSCHE, 2014, p.259)

Nietzsche foi um filósofo do fim do Século XIX que combateu as soluções de pensamento prontas e estabelecidas por instituições como igrejas e universidades. Chamado de ateu por apresentar a “morte de Deus”, foi pouco compreendido. Combateu o dogmatismo, ou seja, o excesso de dogmas que igrejas, governos e universidades impunham em sua época. Ele levantou o problema de que apenas Deus pode definir claramente o que é bem ou mal.

Em qualquer campo do conhecimento, as visões tradicionais tendem a reforçar os dogmas e os paradigmas. A divinização da tradição, devido às punições associadas, torna impossível criticá-la. O diálogo filosófico e científico é substituído por uma apologia intelectualizada. A consequência é uma visão rígida, a institucionalização de ritos considerados corretos e a exclusão de ideias contrárias. O outro é sempre considerado equivocado se não agir de acordo com as expectativas tradicionais.

Nietzsche, ao contrário de certezas tradicionais, aponta que as certezas são possíveis apenas para Deus, como mostra a citação inicial de seu clássico “Assim falou Zaratustra” (NIETZSCHE, 2014). É algo muito semelhante ao que aponta o Evangelho (cf. Mt 25,31-46). Os cabritos se espantaram por achar que estavam certos em suas vidas. Em outras palavras, é preciso perceber a diversidade, que ocorrem além das visões tradicionais. Porém, essas visões, para alguns, se tornam sinônimo de Igreja. É o caso das proposições de Leandro Karnal no livro “Crer ou não crer” (MELO; KARNAL, 2017).

Nesse sentido, este artigo faz uma análise do livro “Crer ou não crer” (MELO; KARNAL, 2017), em que um ateu conversa sobre diversos assuntos religiosos com um padre. O ateu é o historiador Leandro Karnal e o padre é Fábio de Melo. A ideia básica dessa conversa não é ser um combate, mas um debate entre ideias diferentes. No livro, porém, Leandro Karnal denomina “fabianismo” a algumas das posições de Fábio de Melo (MELO; KARNAL, 2017, p.154). Essa colocação indica que Leandro Karnal demonstra surpresa com algumas posições de Fábio de Melo. O autor ateu parece ter um modelo preconcebido do que um

padre católico deveria ser pois o padre apresenta posições diferentes da visão ultramontanista sobre a Igreja Católica que Karnal, apesar de ateu, possui.

Como se trata de um livro que é a transcrição de uma conversa informal, o aprofundamento dos assuntos é desigual e, muitas vezes, superficial. Alguns assuntos são abandonados e não apresentam esclarecimentos suficientes. A obra carece de uma conclusão teológica - o livro é teológico por falar de Deus e da crença - para dar uma resposta consolidada aos assuntos tratados. Na forma apresentada, o livro não responde à questão que o seu título propõe. Ou seja, há um hiato entre a proposta do livro e seu resultado.

Para cobrir parcialmente esse hiato, esse artigo faz uma Análise do Discurso da conversa transcrita entre Fábio de Melo e Leandro Karnal. Como primeiro passo, levantam-se as palavras mais utilizadas em cada capítulo de forma a se ter uma ideia do conteúdo tratado e verificar se esse conteúdo corresponde ao título do capítulo. Como será visto à frente, o capítulo 6 do livro, que deveria tratar sobre a falta de fé, torna-se um capítulo em que a oração é o assunto tratado. Esse assunto foge do rol dos títulos e parece não ter sido pensado na estrutura inicial. O assunto surge espontaneamente e isso o torna interessante, pois não foi programado. Por essa razão, este artigo aprofunda a estrutura da conversa e mostra que Fábio de Melo e Leandro Karnal têm visões completamente diferentes do que é oração. Tais divergências, na verdade, mostram concepções diferentes do que é ser Igreja.

Partindo dessas diferentes visões, o artigo pretende abordar mais profundamente o assunto sobre oração e suas consequências em termos de uma Igreja conservadora comparada com uma Igreja mais moderna, centrada no Concílio Vaticano II e na visão da Teologia da Libertação.

1. Uma estrutura inspirada, mas que não segue o modelo

O livro “Crer ou não crer” (MELO; KARNAL, 2017) teve clara inspiração - embora não explícita - no livro de Umberto Eco e Carlo Martini (ECO E MARTINI, 2018), um conjunto de cartas abertas originalmente publicado em uma revista italiana entre 1995 e 1996 e posteriormente transformado em livro. A ideia geral das duas publicações é colocar em debate um ateu acadêmico com um clérigo. A obra original era uma troca trimestral de correspondências abertas. Ao contrário, o livro em análise foi uma conversa transcrita em livro. Essa

característica dá ao livro de Karnal e Fábio de Melo um caráter menos profundo e, às vezes, até caricato, com colocações informais e pouco refletidas. Não há uma conclusão ou análise final como ocorre no livro de Umberto Eco e Carlo Martini (ECO E MARTINI, 2018, p.145-154).

O livro de Karnal e Fábio de Melo é composto por sete capítulos (chamados de partes) de comprimento muito desigual. A Parte 1 e a Parte 7 somam juntas 51,8% do texto. A Parte 3 é apenas 4,1% do texto. Isso mostra que alguns assuntos não foram tão aprofundados, consequência de o livro ser a transcrição de uma conversa aparentemente informal. Pelo contrário, no livro de Umberto Eco e Carlo Martini (ECO; MARTINI, 2018), o tamanho dos capítulos aumenta gradualmente e comentários em carta são incluídos e há uma resposta final de Carlo Martini.

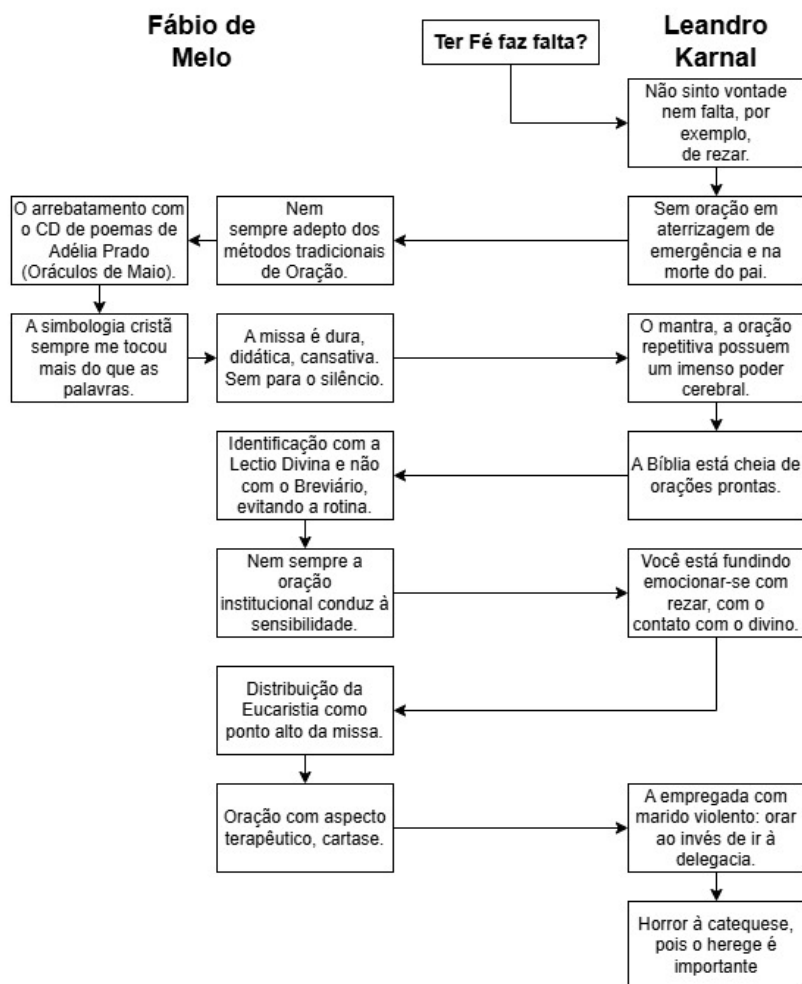
No livro analisado, a palavra mais utilizada, desconsiderando advérbios e palavras comuns, é DEUS, que aparece 296 vezes e equivale a 0,85% das palavras. Uma a cada 117 palavras é DEUS. Essa palavra é a mais comum em todas as partes isoladamente. Também aparecem com frequência as palavras PADRE, FÁBIO e KARNAL, por se tratar de uma transcrição de conversa em que os nomes dos participantes estão no início de cada fala. Para uma análise mais detida de cada parte, foram desconsideradas essas quatro palavras. A tabela a seguir mostra o resultado dessa análise:

Parte	Título	Palavra mais comum	Quant.	Total	Frequência (%)
1	CRER OU NÃO CRER	Fé	51	8596	0,59%
2	FÉ VERSUS CIÊNCIA	Pessoas	17	4645	0,37%
3	QUAL É A IMPORTÂNCIA DA FÉ? E DE DEUS?	Fé	7	1429	0,49%
4	A RELIGIÃO AJUDA OU ATRAPALHA? E A IGREJA?	Ser	49	9411	0,52%
5	SE DEUS NÃO EXISTE, TUDO É PERMITIDO?	Ser	32	3586	0,89%
6	TER FÉ FAZ FALTA?	Oração	14	2607	0,54%
7	A MORTE: ESPERANÇAS E MEDOS NO HORIZONTE DO ATEU E DE PESSOAS DE FÉ	Morte	41	4458	0,92%

Pela quantificação apontada na tabela, o livro inicia abordando o problema da Fé nas três primeiras partes. Nas partes 4 e 5, aborda o Ser e, nas duas últimas, a Oração e a Morte. O interessante da Parte 6 é que, considerando o título,

deveria abordar novamente a Fé, voltando ao assunto inicial. Porém, o assunto mais tratado é a Oração. Esse tópico velado é interessante pela comparação que se estabelece e por uma surpresa em que o clérigo é advertido pelo acadêmico. Essa advertência mostra que Leandro Karnal possui uma visão de Igreja mais tradicional do que Fábio de Melo.

O esquema a seguir indica como os assuntos foram tratados na parte 6, que será objeto de análise mais detalhada:



A Parte 6 (MELO; KARNAL, 2017, p.135-147) inicia com a questão sobre sentir falta da Fé. Apesar de ser uma questão sobre a Fé, Karnal indica que não sente falta de rezar. Há uma confusão sobre os conceitos de Fé e de Oração. Karnal inicia a resposta apresentando exemplos em que não sentiu necessidade de rezar, como em uma aterrissagem de emergência no Senegal e na morte do pai. Para a surpresa de Karnal, Fábio de Melo apresenta que nem sempre é adepto a métodos tradicionais de oração (MELO; KARNAL, 2017, p.139). Ele explica que se sente perto de Deus (arrebatamento) quando escuta o CD de uma poetisa mineira e quando visita algumas igrejas (MELO; KARNAL, 2017, p.140). Para Fábio de Melo, a simbologia da arte e da arquitetura é mais forte do que a didática na missa. Essa forma de pensar de Fábio de Melo traz alguma indignação a Leandro Karnal:

É curioso que pela segunda vez, tanto na questão das imagens como na das orações, quem vai assumir a posição da defesa sou eu. Acho que o mantra, particularmente a oração mântrica, a reza repetitiva, o terço, a ladainha, possuem um imenso poder cerebral. (MELO E KARNAL, 2017, p.142)

A “defesa” que Karnal realiza acaba sendo um ataque à posição de Fábio de Melo. Leandro Karnal, talvez por sua formação religiosa de origem luterana e ultramontanista (MELO E KARNAL, 2017, p.37), tende a compreender a oração como uma súplica que substitui as ações para a solução de problemas pessoais. Como ele coloca:

Eu tive uma funcionária na minha casa, adventista, excelente pessoa e muito inteligente, já falecida. Ela tinha um marido violento e alcoólatra. O marido chegava em casa quebrando tudo, batendo. Ela ia para debaixo da mesa, pegava a Bíblia e rezava o salmo 23 com os três filhos. Como é que você vai dizer para uma pessoa dessas que, naquela hora, ela deveria buscar o Conselho Tutelar, a delegacia? O salmo 23. (MELO E KARNAL, 2017, p.145)

O diálogo, que poderia ser muito mais profundo, termina nesse ponto e se desvia em função da informalidade. Porém, são indicados dois conceitos bem diferentes de oração: Fábio de Melo preocupa-se com a aproximação com Deus, enquanto Karnal se concentra no ritual. A perspectiva de Karnal indica que a oração é inútil, pois sua empregada continuava sendo atacada violentamente

apesar da oração. Não agia. Porém, como será mostrado a seguir, o conceito de oração de Fábio de Melo tem como objetivo a vida ativa e a libertação.

2. Os conceitos de oração para Karnal e para Fábio de Melo

O conceito de oração para Karnal é basicamente o conceito ultramontano de oração, talvez influenciado pela formação que o pai lhe deu. Karnal entende a oração como um conjunto de ritos a serem seguidos e que, pela repetição, trazem resultados religiosos. Resultados que, segundo Karnal, nem sempre são úteis para a vida. O termo “ultramontano” se associa a uma visão conservadora da Igreja Católica, que indica a obediência à hierarquia católica como um dos fatores fundamentais para a boa observância da religião. Como afirma Gomes Filho,

Em termos bastante genéricos, para termos um ponto de partida, ultramontanismo, no uso mais atual do termo, refere-se a uma tendência católica oitocentista, de origem europeia, mas que não se restringiu ao velho continente, cujo escopo era o fortalecimento do poder papal e da hierarquia clerical, bem como da normatização institucional, num esforço singular de retardamento das transformações advindas da modernidade e de revalorização dos aspectos medievais e barrocos da religiosidade católica. (GOMES FILHO, 2023, p.226)

Continuando, Gomes Filho (2023) indica que o movimento ultramontano foi uma reação da Igreja Católica contra os diversos aspectos da Modernidade que se relacionavam com o surgimento do Iluminismo. O processo não foi simples, mas se caracterizou por um fechamento da Igreja Católica ao diálogo com a Modernidade ou, pelo menos, ao que a hierarquia da Igreja considerava deletério nas ideias iluministas modernas. Reforçou-se a necessidade de se estar ligado subalternamente à estrutura eclesial. O poder da Igreja Católica era centralizado e os ritos foram cada vez mais unificados. O diálogo com a Modernidade só ocorreu com o Concílio Vaticano II.

Assim, a oração para Karnal é algo normalizado e institucionalizado. Para ele, a repetição leva a estágios mais altos da consciência e nem sempre se mostra eficaz em momentos de perigo. Porém, há uma clara diferença entre uma boa fórmula de oração aprendida na catequese e a oração popular sem relação com a hierarquia clerical. Sendo normalizado, essa forma de oração defendida por Karnal apresenta um caráter intelectualizado. Ganham força os

símbolos oficializados pela Igreja. É preciso que o fiel estude e se aprofunde nos significados.

Ao contrário de Karnal, Fábio de Melo tem um conceito mais amplo de oração. Para o padre, a oração é uma aproximação com Deus e não um ritual ou um conjunto de repetições. O importante não é a fórmula, mas a sensibilização e a reflexão que a oração proporciona:

E assumo que nem sempre essa oração institucional, que não deixo de fazer, me conduz a essa sensibilidade. A emoção não é sentimentalismo, mas o movimento do todo que sou. A emoção comporta minha razão. Não se trata de uma emoção rasa, que depois não repercute na minha reflexão. (MELO E KARNAL, 2017, p.143)

É nesse sentido que Fábio de Melo é repreendido por Karnal. Para Fábio de Melo, mais próximo da visão do Concílio Vaticano II, a oração é algo que coloca a pessoa em contato com Deus, envolvendo a emoção e a racionalidade. A oração liga-se mais com a vida cotidiana do que com a instituição religiosa. Embora também reconheça a importância da oração institucional, para Fábio de Melo, o rito não leva a Deus se esse rito não trouxer um significado para a pessoa e para a sua vida. Como colocam Silva e Martins Filho,

A experiência é sempre pessoal e, por isso, a responsabilidade por ela acontecer ou não, jamais recairá somente sobre o rito executado. Aliás, muitas vezes recairá sobre o próprio fiel, marcado pelo que ele tem vivido, pelas motivações que o trouxeram à celebração e que estão impregnadas profundamente em seu corpo, pelo modo como tem dormido, se alimentado, sido acariciado, compreendido ou não etc. Todavia, este fato não exige ninguém da responsabilidade de executar os ritos de modo que eles expressem verdade. (SILVA; MARTINS FILHO, 2022, p.309)

Essa necessidade de um significado pessoal aproxima a visão de Fábio de Melo de uma religiosidade “popular” que o Vaticano II trouxe de volta com a valorização dos leigos. O leigo deixa de ser apenas um observador ou respeitador obediente de ordens do clero, mas um questionador. Não um questionador que se torna opositor de conceitos consagrados, mas que procura os próprios conceitos. E isso permite entender que outras formas católicas definidas como “populares” são válidas. Como coloca Martins Filho,

Entre outros aspectos optamos por realçar o protagonismo laical presente no catolicismo popular, para além da mera dualidade aparente na relação entre uma religião oficial (do clero) e outra popular (dos leigos) - posição, aliás, que somente faria sentido do ponto de vista de uma hierarquização que partisse da primeira modalidade em direcção à segunda (a leitura do dominante sobre o dominado, do “certo” sobre o “errado”, a qual insistimos em ultrapassar). Há quem critique a experiência do catolicismo popular por considerá-lo deficiente e apenas em partes condizente com os valores autenticamente cristãos. De nossa parte, entretanto, consideramos tratar-se de um horizonte altamente complexo e rico em contribuições a serem exploradas. (MARTINS FILHO, 2019, p.692)

Isso não significa que Fábio de Melo esteja adotando uma visão relativista do Catolicismo. Significa, antes, que algo como o CD de Adélia Prado (MELO; KARNAL, 2017, p.140) pode ser tão ou mais adequado do que alguma oração padronizada pela Igreja Católica ou por algum movimento oficial católico. Tal constatação exige um raciocínio sobre a Fé antes de um julgamento sobre o “erro” de um rito ou de uma oração. A ditadura do relativismo, como coloca Josef Ratzinger, nasce de uma fraca visão doutrinária e não de mudanças rituais:

Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decénios, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento... (...) Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar “aqui e além por qualquer vento de doutrina”, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades. (RATZINGER, 2005)

Fábio de Melo sustenta que a oração – o contato com Deus, a teofania – pode ocorrer de várias formas e em vários lugares. Embora a Bíblia ofereça fórmulas prontas de oração, como coloca Karnal (MELO; KARNAL, 2017, p.142), as teofanias ocorrem em várias formas e em vários lugares: seja na forma de uma sarça ardente, embaixo de um carvalho, como um sonho ou como a libertação de uma prisão. Isso ocorre porque a contemplação nem sempre se dissocia da ação.

3. Contemplar e agir: a libertação

Tomás de Aquino compara a vida contemplativa à vida ativa. Em várias questões da Suma Teológica (AQUINO, 2003, p. II-II, q. 179-182), ele indica a

superioridade da vida contemplativa, a vida em oração. Porém, ele também indica a necessidade da vida ativa, voltada às necessidades materiais:

Entretanto, sob algum aspecto e em casos determinados, é preferível escolher a vida ativa por causa das necessidades da vida presente. Até o Filósofo reconhece quando afirma: “Filosofar é melhor do que ganhar dinheiro, mas para quem passa necessidade, ganhar dinheiro é preferível”. (AQUINO, 2003, p.II-II, q.182, a.1)

Aquino usa uma citação de Aristóteles do Livro III dos Tópicos do Órganon (Aristóteles, 2016). Aristóteles, nesse livro, procura indicar como escolher entre duas situações semelhantes. No trecho citado por Aquino, Aristóteles indica no restante do texto que:

Também o supérfluo é melhor do que o meramente necessário, e, por vezes, inclusive preferível, pois viver bem é melhor do que simplesmente viver, e viver bem é uma superfluidade, enquanto a vida ela mesmo é uma necessidade. (...) Não incorremos, talvez, extremamente em equívoco se dissermos que o necessário é preferível, enquanto supérfluo é melhor. (ARISTÓTELES, 2016, p.426)

Em outras palavras, para alcançar um grau de filosofia ou de contemplação, Aquino adota a ideia aristotélica de que esse nível superior necessita do nível inferior. A contemplação não ocorre sem os bens produzidos pela atividade humana, a vida ativa. Uma contemplação destituída dessa visão de materialidade se perde em uma espiritualidade vazia e sem objetivos reais. Essa posição, porém, não é exclusiva de Tomás de Aquino: Bento de Núrsia também definia a necessidade de aproximar a vida ativa da vida contemplativa. Como Bento afirma em sua Regra:

A ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual. (...)Se, porém, a necessidade do lugar ou a pobreza exigirem que se ocupem, pessoalmente, em colher os produtos da terra, não se entristeçam por isso, porque então são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos, como também os nossos Pais e os Apóstolos. Tudo, porém, se faça comedidamente por causa dos fracos. (SÃO BENTO, 2018, p.48, c.48)

Esses autores clássicos do cristianismo católico já indicavam teses que seriam defendidas pelo Concílio Vaticano II e pela Teologia da Libertação.

A superioridade da vida contemplativa em relação à vida ativa se limita pelo atendimento às necessidades econômicas e financeiras do povo. A interpretação da passagem do Evangelho de Lucas sobre a visita às irmãs Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42) é frequentemente utilizada para descaracterizar as preocupações com a vida material. Porém, essa passagem não significa o descompromisso com as necessidades materiais das pessoas. Apenas indica que preocupações excessivas com questões materiais e de organização devam ser evitadas pelos cristãos. Como indicam Grün e Jarosch,

A maior preocupação de Marta está em fazer com que Jesus se sinta bem. Ela reconhece aquilo que ele precisa e prepara rapidamente alguma comida para Jesus e os discípulos. Mas está claro que seu ato não é altruísta, desinteressado: ela espera ser reconhecida por Jesus como boa anfitriã. (...) Como ela não se dedica completamente ao seu ato, ela se mostra zangada com Maria que está aos pés de Jesus e ouve suas palavras. (GRÜN; JAROSCH, 2013, p.140)

Em algumas interpretações, Marta, colocada como paradigma da vida ativa, é considerada em atitude inferior a Maria, considerada como paradigma da vida contemplativa. Esse foco na vida contemplativa, que é característica de conservadores como os ultramontanistas, foi um dos fatores que levou à institucionalização e à hierarquização da Igreja Católica (Gomes Filho, 2023, p.228). Essa hierarquização rígida e exclusivista foi combatida pelo Concílio Vaticano II (Concílio Vaticano II, 1965, LG 37). A inspiração do Concílio Vaticano II é que a Igreja não pode ser voltada apenas para uma vida contemplativa, mas deve estabelecer um diálogo permanente com as dores e as alegrias da vida ativa. A institucionalização excessiva também é algo combatido por filósofos como Ivan Illich. Ele indica que há um mito de valores empacotados nas instituições.

É uma embalagem de significados planejados, um pacote de valores, um bem de consumo cuja “propaganda dirigida” faz com que se torne vendável a um número suficientemente grande de pessoas para justificar o custo de produção. Ensina-se aos alunos-consumidores que adaptem seus desejos aos valores à venda. São levados a sentir-se culpados caso não ajam de acordo com as predições da pesquisa de consumo, recebendo os graus e certificados que os colocam na categoria de trabalho pela qual foram motivados a esperar. (ILLICH, 2018, p.58)

Embora a crítica às instituições de Ivan Illich seja iniciada pela análise da pedagogia de sua época, ele indica que a forte institucionalização traz consequências negativas para toda a sociedade. A sociedade se torna uma “escola” conteudista. Isso ocorre inclusive na Igreja Católica, que, em sua vertente conservadora, condena variações nas formas rituais que fogem das regras hierarquicamente estabelecidas. Há uma culpabilização daqueles que evitam de alguma forma os ritos indicados ou pretensamente indicados pela autoridade da Igreja. Karnal critica a liberdade de fazer orações como apresentado por Fábio de Melo.

Uma instituição muito estruturada é fundamentada em medições e limitações restritivas do comportamento. O certo e o errado são quantificados. O resultado é que se expressa de forma matemática os valores da pessoa humana possibilitando a ordenação dos considerados melhores. Numa visão institucionalizada como caracterizada por Illich (2018), um católico é melhor que o outro pela quantidade, por exemplo, de missas que frequenta durante a semana ou um número de terços rezados. Perde-se o foco da Caridade – que não pode ser medida - como relação humana fundamental para a vida em Igreja (cf. 1Cor 13). Tanto que é fácil para Karnal criticar quem reza como se fosse alguém não atuante em seus problemas reais da vida.

O Concílio Vaticano II desestrutura essa Igreja Católica altamente institucionalizada e clerical. Foi percebida a necessidade de novos ares em um mundo cada vez mais diversificado. O Concílio Vaticano II reforçou a necessidade de a Igreja tornar-se uma Igreja de leigos, o que ainda não ocorreu plenamente. Conforme coloca Vélez:

Em muitos ambientes, estamos falando sobre o século dos leigos e sua responsabilidade histórica de mudar definitivamente a face da Igreja piramidal, que marcou a experiência cristã, para o rosto de uma Igreja de comunhão, à imagem da Trindade. Estamos em falta de um leigo que exercite sua chegada à maioridade. Que saiba como realizar com responsabilidade a missão evangelizadora da Igreja, e tudo isso não por causa de uma usurpação da missão do ministério ordenado, mas por uma responsabilidade histórica de viver a vocação cristã como segmento e a missão evangelizadora como uma resposta efetiva a esse chamado. (VÉLEZ, 2022, p.168)

Essa mudança proposta pelo Concílio Vaticano II decorre do fato de que, nas cidades, as formas de se comunicar e as relações pessoais mudaram a partir

da Revolução Industrial. Assim, a forma institucional da Igreja Católica necessita adaptar-se porque as formas de produção, de relação entre as pessoas e de obter resultados mudaram. É preciso sair de uma visão institucionalizada fixa. Como coloca Palafox,

Pensar a evangelização desde a instituição nas grandes cidades é um tanto ilusório, antes mais nada, porque a Igreja como instituição sempre se concebe por sua própria natureza com uma entidade forte e solidamente criada que serve justamente para dar consistência a outros elementos, quase nenhuma instituição de sua própria escolha se identificará com os mais fracos e frágeis. (PALAFOX, 2021, p.168)

Essa situação de urbanização da fé torna urgente a volta ao tema da Libertação para a Igreja Católica. É preciso ressignificar os símbolos e os atos. A Igreja não pode se ver como uma instituição imutável e rígida. Não é mais o centro de uma comunidade rural. É preciso considerar as pluralidades sem se deixar levar por relativismos. Como coloca Leite,

A Teologia da Libertação e suas pluralidades continuam sendo indispensáveis, sobretudo na época atual em que estamos mergulhados em um contexto de morte lancinante, propagandeada nas redes sociais. É urgente um grito de libertação que venha das comunidades eclesiais missionárias e de suas teologias. (LEITE, 2022, p.20)

A Teologia da Libertação não é um abandono da espiritualidade ou a adoção de teorias materialistas. A Teologia da Libertação é olhar a Igreja menos institucionalizada e mais plural. Neste sentido, condenar a Teologia da Libertação apenas por uso de “metodologias marxistas” deixa de lado a riqueza da pluralidade que o Concílio Vaticano II solicitou que a Igreja atendesse. A Teologia da Libertação, apesar de suas preocupações econômicas e sociais, não abandona a espiritualidade. Aliás, o estudo da espiritualidade vai além da Teologia. Como indica Piovezan,

A espiritualidade e a religião podem e devem ser estudadas tanto no campo científico quanto no campo teológico e filosófico. A Teologia pode contribuir com a ciência e vice-versa. Estudos médicos podem ajudar teólogos a acharem melhores caminhos. A Teologia pode contribuir com a Medicina. O foco é o diálogo científico, mais do que simples trocas de acusações. (PIOVEZAN, 2023, p.16)

Essa indicação implica que a Igreja – numa visão moderna defendida pelo Concílio Vaticano II – deve ir além de uma simples institucionalização ritual. A Igreja deve ser espaço de Libertação das instituições e das ações que transformam as pessoas em mercadoria. A espiritualidade não deve ser objetivo, mas caminho para uma vida melhor para todos.

Conclusão

Mais do que um simples diálogo sobre questões de fé, o livro “Crer ou não crer” (MELO; KARNAL, 2017), em especial o Capítulo 6, apresenta duas visões diferentes e antagônicas do que significa ser Igreja, em especial, ser Igreja Católica. O capítulo não apresenta apenas visões diferentes sobre oração. Embora se posicione como ateu, Leandro Karnal apresenta uma forma mais tradicional do ser Igreja enquanto o Padre Fábio de Melo apresenta um modelo eclesial mais atuante. É um confronto interessante de visões, que permite estabelecer as consequências de cada alternativa para a Igreja Católica.

A visão tradicional reforça a institucionalização da Igreja Católica como fonte de espiritualidade. A instituição dita normas de comportamento restritas e, em caso de divergências, procura sanar essas divergências com correções e admoestações. A vida material e os problemas relacionados a estruturas e instituições supressoras da dignidade humana são ignorados em função de uma vida espiritual intelectualizada e formal. Questionamentos como os proporcionados pela Teologia da Libertação são condenados - formal ou informalmente – por uma instituição que determina o que é certo e errado nos mais detalhados pontos teológicos e rituais. É justamente essa impossibilidade humana de sustentar uma rigidez absoluta entre “certo” e “errado” que Nietzsche assinala, como indicado no início deste artigo (NIETZSCHE, 2014, p.259).

Por outro lado, a visão a mais voltada ao contato com visões divergentes busca o entendimento mais espiritualizado do mundo. A proximidade com Deus pode vir, por exemplo, de um poema ou de uma vida ativa. A questão da espiritualidade parte de uma visão organizada e restringida para uma possibilidade de outras visões e ações. A libertação se faz por entender a instituição como serviço e não como subordinação cega as orientações rituais.

Essa visão contemporânea da Igreja consolidada no Concílio Vaticano II apresenta desafios importantes para a Igreja Católica. A crença não é mais a frequência quantificada a templos e instituições normativas. A fé é percebida na participação ativa em comunidades muitas vezes marcadas pela diversidade de culturas e de pensamentos. Como numa cidade, a crença se manifesta muito mais pela convivência ativa do que por uma estrutura contemplativa. Ao contrário de estruturas rurais, a cidade perdeu a relação com os ciclos das estações do ano.

Ainda existem pessoas católicas com que alimentam um saudosismo da estrutura clerical adaptada a uma estrutura social rural, em que o ciclo das estações ditava o ritmo da vida. Atualmente, o ciclo da vida é fornecido pelo relógio, que cronometra e define a eficiência de cada tarefa. O ritmo é muito mais ágil e frenético. Nem sempre esse ritmo concorda com as semanas e com as estações do ano. A vida trimestral marcada pelas estações do ano passou a ser uma vida cronometrada por horas, minutos e segundos.

Há também maior acesso às informações, o que permite que o conhecimento sobre temas religiosos seja muito mais divulgado, reduzindo a importância do clérigo como orientador do conhecimento de uma comunidade. As pessoas - católicas ou não - podem ter acesso pela internet a documentos pontifícios, que antes eram apenas divulgados apenas pela hierarquia. E ela poderia limitar essa divulgação.

Isso leva à necessidade de haver uma libertação das estruturas institucionais da Igreja Católica. Não significa o fim dos clérigos ou dos bispos. Significa que essa estrutura deverá estar voltada para o serviço e não para o comando. Um clérigo não precisa mais definir se uma oração é correta ou não. O próprio leigo pode, pelo estudo de Teologia e de documentos da Igreja, avaliar se o que está fazendo é correto ou não.

Daí a necessidade de revitalizar a Teologia da Libertação. Não se trata de apoiar luta de classes e sim de criticar as estruturas institucionais de maneira a transformá-las em estruturas de serviço. E isso exige a compreensão da diversidade. O pobre que não consegue acompanhar as necessidades rituais pode se sentir acolhido a partir do momento em que essa Igreja se torna mais acessível ao diferente. Isso não significa a perda das raízes da Igreja, mas apenas a perda de seu caráter institucional rígido e pretensamente imutável.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, T. Suma Teológica. São Paulo: Edições Loyola. 2003.
- ARISTÓTELES. Tópicos - Livro III. In: ARISTÓTELES. Órganon. 3ª ed. São Paulo: Edipro, 2016. p.419-434.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. Vaticano, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 29/08/2025.
- ECO, U. e MARTINI, C.M. Em que creem os que não creem? 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- GOMES FILHO, R.R. Ultramontanismo e a reação católica à modernidade no século 19. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 76, p. 226-263, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v76p226-263>
- GRÜN, A. e JAROSCH, L. Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ILLICH, I. Sociedade sem escolas. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.
- LEITE, P.I. Raiz espiritual da Teologia da Libertação: método e escopo em diálogo com Gustavo Gutiérrez. Revista Eletrônica Espaço Teológico., v. 16, n. 30, p. 7-21, 2022. DOI: <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2022v16i30p7-21>
- MARTINS FILHO, J.R.F. Sobre o protagonismo laical do catolicismo popular: pistas para reflexão. Revista Eclesiástica Brasileira, v.78, n.311, p.679-694, 2019. DOI: <https://doi.org/10.29386/rev.v78i311.1401>
- MELO, F. e KARNAL, L. Crer ou não crer. São Paulo: Planeta, 2017.
- NIETZSCHE, F. Assim falava Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PALAFOX, A.E. Uma caminhada pastoral nas grandes cidades. In: WOLFF, E., PALAFOX, A.E. e PEREZ, B.B. (org.). A teologia e a pastoral na cidade: desafios e possibilidades atuais. São Paulo: Paulus, 2021. p.155-180.
- PIOVEZAN, L.H. A Espiritualidade como Ciência: Crítica ao livro Despertar de Sam Harris. Teocomunicação, v.53, n.1, p.e44814-e44814, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2023.1.44814>
- RATZINGER, J. Santa Missa “Pro Eligendo Romano Pontifice”: homilia do Cardeal Joseph Ratzinger, decano do Colégio Cardinalício. Vaticano, 2005. Disponível em https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html. Acesso em 06/04/2025
- SÃO BENTO. Regra de São Bento. São Paulo: Editora Família Católica, 2018.

Edição do Kindle.

SILVA, D.C e MARTINS FILHO, J.R.F. O corpo como lugar da oração na liturgia do Vaticano II. Revista de Cultura Teológica, n. 101, p. 293-312, 2022. DOI: <https://doi.org/10.23925/rct.i101.54528>

VÉLEZ, O.C. Um caminho de recepção eclesial: do Vaticano II a Francisco. In: CALDEIRA, R.C. (org). Concílio Vaticano II: experiências e contextos. São Paulo: Paulus, 2022. p.145-176.